

António Sáez Delgado

Apresentação e elogio do premiado

João Tiago Lima
Universidade de Évora

Margarida I. Almeida Amoedo
Universidade de Évora

Senhor Presidente da Câmara Municipal da Guarda,
Senhores membros do Júri do Prémio Eduardo Lourenço 2014,
Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra,
Senhor Vice-Reitor da Universidade de Salamanca (em representação do Reitor),
Senhora Reitora da Universidade de Évora,
Senhor Presidente do Instituto Politécnico da Guarda,
Senhor Embaixador de Espanha em Portugal,
Senhor Director Honorífico do Centro de Estudos Ibéricos, caríssimo
Professor Eduardo Lourenço,
Amigo Antonio Sáez Delgado,
Senhoras e Senhores,

Antonio Sáez Delgado chegou em 1995 à Universidade de Évora, como Leitor do Departamento de Linguística e Literaturas. O que faz um Leitor? Lê, dá a ler, renova todos os dias a tradição das *lectiones* das Universidades europeias. Como Leitor de Espanhol, Antonio Sáez vive a experiência de quem trabalha *numa outra pátria* (evocando o título de um seu livro de 2005).

Atravessando semanas a fio as fronteiras de dois países que historicamente desconfiam um do outro, convida os estudantes ao exercício da leitura, ao mesmo tempo que se deixa convidar, ele próprio, como leitor.

Após doutorar-se, em 1999, em Filologia Hispânica, na Universidade de Extremadura, o agora Professor começa a destacar-se pela tradução de importantes obras e autores da cultura portuguesa contemporânea. A tarefa de tradutor não é fácil, nem adequadamente reconhecida, apesar da sua importância como meio insubstituível de fazer transmigrar, num mundo descontroladamente global, as escritas originadas em contextos culturais diversos e enriquecidas ao longo daquela viagem. Traduzir talvez seja, por isso, partir de um texto único que julgámos escolher e que também, no curso do fazer e desfazer que a tradução é, nos acaba por escolher. Antonio Sáez traduz, por exemplo, Fernando Pessoa, António Lobo Antunes, Manuel António Pina, José Gil, Teixeira de Pascoaes, ou Fialho de Almeida, que lhe valeu o Prémio Giovanni Pontiero, em 2006, com *La pelirroja*. O tradutor atravessa assim fronteiras, refazendo trajectos de vida e escrita em que recorda "com prazer aquilo a que antes se chamava traficar: levar de um lado para o outro o melhor de cada sítio" (*En otra patria*, pp. 26-27).

Especialista do Modernismo na Península Ibérica – lembre-se a sua tese *Órficos y Ultraístas. Portugal y España en el diálogo de las primeras vanguardias literarias (1915-1925)* –, o investigador raiano cruza outras fronteiras, transitando entre vários campos epistemológicos

que os r
há mais
atento c
Relacion
um dos
Mostra
colecção
gosto da
literária r
escritor,
reflexões
Ensaio. S
Eduardo
mais ou
CEI e a C

Senh
Encor
Antonio S
tratamos
do que e
com este
como inv
iniciativas
luz textos
ficções, as
outros paí
importânc
com que r
pensamen
narcisismo
nuclear, ai
Não fo
Ibéricos (C
principal d
no espaço
Rodríguez
destas fron

Projecc

No diál
"Regresso
nomeadam
não somos
biografias q
ou Badajoz,

que os modernos souberam tornar afins. Não é menos importante o trabalho que desenvolve há mais de uma década, sobretudo, no suplemento «Babelia» de *El País*, como crítico atento de livros em língua portuguesa. Em 2010 é ainda Comissário da Exposição *Suroeste. Relaciones Literarias y Artísticas entre Portugal y España (1890-1936)* e, mais recentemente, um dos Comissários da Exposição *Fernando Pessoa em Espanha*, realizada no âmbito da *Mostra Espanha 2013*. Para além disso, como editor, director de revistas, responsável por colecções e autor de traduções de poetas, romancistas, filósofos, Antonio Sáez cultiva o gosto da transdisciplinaridade. Depois de uma estreia na Poesia (*Miradores*, 1997), a sua obra literária mais recente, nunca desligada do trabalho de tradução, começa a revelar um singular escritor, que dá a ler, numa língua por si renovada, o entrelaçar de memórias e sonhos, reflexões e afectos. *Yo menos yo* (2012) anuncia, quem sabe, um outro modo de escrever Ensaio. Se assim for, estaremos a compreender a lição do grande ensaísta e leitor ibérico Eduardo Lourenço, segundo a qual “todos os autores gostam de sair do espaço onde são mais ou menos conhecidos para atravessar fronteiras” (*Vida Partilhada. Eduardo Lourenço, o CEI e a Cooperação Cultural*, 2013, p. 53).

II

Senhoras e Senhores,

Encontro-nos, nesta sessão solene, com um enorme contentamento, em virtude de Antonio Sáez Delgado, alguém por quem temos elevada consideração intelectual e a quem tratamos por *tu* (o que em Portugal é bastante mais exigente ou, pelo menos, infrequente do que em Espanha!), ver aquilatado e justamente reconhecido o seu *trabalho*. Referimos com este termo prosaico as valorosas tarefas a que se dedica, como escritor e professor, como investigador, como tradutor e crítico literário, como editor e responsável por outras iniciativas, que, sendo diversas, têm por denominador comum o seu interesse em trazer à luz textos, mediante os quais podem dialogar, efectivamente, as memórias, as doutrinas, as ficções, as criações, que integram as culturas de Portugal e de Espanha, mas também de outros países com muitos mais milhões de falantes das Línguas castelhana e portuguesa. A importância desse diálogo, que é a justificação matricial do Centro de Estudos Ibéricos, faz com que nos sintamos aqui *em casa*, irmanados pelo interesse em discernir quem, pelo seu pensamento e pelas suas obras, nos pode acicatar e até (em atmosfera em que não reine o narcisismo, nem complexos de ordem alguma) orientar para o essencial, para o que deve ser nuclear, ainda que possa parecer periférico.

Não foi por acaso que Eduardo Lourenço se tornou, quer na origem do Centro de Estudos Ibéricos (CEI), quer através da institucionalização do Prémio com o seu nome, uma inspiração principal da actividade, publicamente reconhecida – sobretudo, embora não exclusivamente, no espaço ibérico – do CEI. Queremos, pois, dar a palavra a quem, parafraseando Fernando Rodríguez de la Flor que com ele conversa, é *o intelectual ibérico que nos representa fora destas fronteiras*.

Projectação de um trecho de “Regresso sem Fim”¹ (dos 36’20” aos 40’10”)

No diálogo entre dois ibéricos a que assistimos, na passagem projectada do documentário “Regresso sem Fim” sobressai, parece-nos, a invocação de futuro que certo património, nomeadamente geográfico e linguístico, sustenta. Assaltam-nos possivelmente – a nós, que não somos seres de uma abstracta humanidade, mas precisamente nós, com as respectivas biografias que hoje aqui se cruzam – algumas interrogações: S. Pedro do Rio Seco, ou a Guarda, ou Badajoz, ou Évora, ou até Coimbra e Salamanca (ainda que com outros pergaminhos...) são

1 - SAINT-MAURICE, Anabela - “Regresso Sem Fim Com Eduardo Lourenço”. Documentário. Co-produção da RTP e do CEI, 2011.

realmente importantes para o futuro das culturas ibéricas? Em que mapas estão representados os estratos da sua história? De que pessoas e vivências continuam certas palavras a dar eco? De que *baldios* ou “jidos” dispoños, no presente, para *ter saída* (já que a palavra espanhola deriva da latina “xitus” e para satisfazermos necessidades comuns? Notemos que só na sua ausência seríamos, literalmente, povos “sem *eira* nem beira”. Parece-nos ser tempo de sarar o sentimento de que integramos uma Europa *de segunda*, inferioridade que nos assola, inclusive, quando afirmamos, com provincianismo de sábios e ignorantes, que somos os melhores nalgum capítulo, antes mesmo de conhecermos outros e de nos confrontarmos com eles. Como é viável libertarmo-nos da experiência de estar numa periferia do continente europeu, a periferia que um eurocentrismo anacrónico torna uma zona indefinida no mapa, o que reforça os povos peninsulares num teimoso intuito de pura imitação de França ou de Inglaterra e, mais recentemente, num injustificado fascínio, ora com a Finlândia, ora com a Alemanha, as suas Finanças e a organização do seu Estado?

Eduardo Lourenço, por ter nascido em S. Pedro do Rio Seco e ter vivido também noutros “pontos do mapa” e, acima de tudo, pela obra de reflexão que, marcada por uma constante abertura de horizontes, tem incansavelmente elaborado, está em condições excepcionais para reconhecer a diversa centralidade que, em diferentes épocas, as comunidades humanas, com as suas crenças, as suas ideias e os produtos de umas e outras, podem ter.

O nosso homenageado de hoje, o Prof. Antonio Sáez Delgado, dá-nos, de certa maneira na senda do próprio Eduardo Lourenço, uma preciosa pista para descobrirmos que o que é periférico numa determinada perspectiva é, sob outros ângulos, o nuclear. Isso bastaria, para que nos parecesse assentar-lhe especialmente bem o Prémio, cuja décima edição estamos a festejar; contudo, o seu labor, nas várias dimensões a que no começo aludimos, permite-nos reconhecer a fertilidade do “jido” ibérico que tem deixado, aquém e além-mar, frutos culturais que podem ser essenciais para o nosso futuro e para o futuro, não apenas do resto da Europa, mas mesmo de outros continentes, onde encontramos hoje pautas novas e novos desafios de desenvolvimento. Em Antonio Sáez Delgado sempre nos impressionou e continua a impressionar uma extraordinária combinação entre os modos discretos de estar (por exemplo, de trabalhar, de conviver, de falar) e a profundidade de ser (traduzida no uso que faz da palavra, em todos os seus registos), uma combinação singular que favorece actividades académicas em equipa e que ressuma na sua produção literária, tanto quando assina como autor, como quando é autor de traduções.

Para ilustrar, nalguma medida, o que afirmamos e igualmente porque esse nos parece um meio indispensável para *elogiar o premiado*, deixem-nos resgatar alguns trechos de Antonio Sáez Delgado. Num livro que publicou em 2005 sob o título *En otra patria*, encontramos alguns traços autobiográficos que o registo quase diarístico mescla com muitos outros poeticamente elaborados. Eis um primeiro exemplo: “e dice un amigo que le resulta grato volver a casa tras muchos días fuera, y a mí me da por pensar que ese sentimiento es el mejor diagnóstico de que, al final, tampoco es cierto que nos marchemos siempre arrastrando con nosotros todo lo que somos. Tal vez al llegar a casa, por lo menos en el caso de mi amigo, nos reencontremos con algo que somos también nosotros, y que calma nuestra sed igual que el viaje. Probablemente es necesario reconocer el campo de batalla antes de cualquier sacrificio, y saber de antemano por dónde correrá una sangre que es siempre nuestra. / (...)” (*En otra patria*. Gijón: Llibros del Peixe, 2005, p. 26.)

É também muito interessante a entrada seguinte desse livro: “pasar media semana en España y la otra media en Portugal tiene sus ventajas. También las tiene atravesar cada día la frontera para regresar a dormir al país donde nacieron tus padres. Compro el pan, las frutas, el café y las verduras en Portugal. La leche, los frutos secos y los caramelos en España. Uno se imagina haciendo con placer aquello que antes se llamaba traficar: llevar de un lado a otro lo mejor de cada sitio. Los recuerdos son también otra forma de tráfico. De cada lado nos llevamos, sin pasaporte ni explicaciones, aquello que más nos gusta. (...) Cuando menos lo esperamos, nos atenaza la angustia: español en Portugal, medio portugués en España. El miedo es el policía de la conciencia.” (*Ibid.*, pp. 26-27.)

Em
palabra
fronter
palabra
signific
para lo
quien r
muerte
En ocas
ocasion
con las
siempre
la Luna

E n
“escrib
contra la
forma d
me hace
Por eso e

Uma
Antonio
Álvaro c
mistério
– Pessoa
Patrono
mais cor
vez mais
colabora
em Mad
publicad
umas Ob

Tend
que tenh
coisa. Põe
seja, evid
estrofe:

“Sé n
nacie
y que
pronu
anunc
y que
no me
sino, u

Em *Yo menos yo*, Antonio Sáez Delgado afirma: "... intento convencerme de que las palabras no existen. Escribo *raya* y no dibujo una *raya*. La letra *f* no es el principio de ninguna *frontera*. Por eso, a veces, cuando escribo, cuando traduzco, me gusta desprestigiar a las palabras, para que sepan que no siempre son ellas las que pueden manejarlos. Pienso en el significado de la palabra *frontera* para mí, y pienso en el significado de la palabra *frontera* para los inmigrantes, los refugiados, los huidos. ¿Puede significar algo esa palabra para quien no tiene casa? ¿Sería honesto traducirla de la misma manera? Las palabras, a veces, muerden la mano que les da de comer. Por eso no es bueno que se crean tan importantes. En ocasiones me da vergüenza o miedo o pena utilizarlas. Hay grandes palabras para grandes ocasiones. Y palabras pequeñas para las ocasiones más importantes. (... Intento ser severo con las palabras. Actuar, digámoslo así, con sobriedad. También así me gusta escribir. Prefiero, siempre que pueda elegir, la palabra *ropa* a la palabra *vestimenta*." (*Yo menos yo*. Mérida: De la Luna Libros, 2012, pp. 73-74.)

E num dos inesquecíveis fragmentos dessa obra, publicada há dois anos, podemos ler: "escribo estas páginas contra mí mismo. Yo menos yo. Contra mis impulsos. Incluso, a veces, contra la supuesta necesidad de escribirlas. Escribo y corrijo (elimino), avanzo contra mi propia forma de pensar, contra mis sentimientos. Escribo contra natura, sabiendo qué es aquello que me hace más daño. Elimino todo resquicio de odio, de enfrentamiento, de ajuste de cuentas. Por eso escribo contra mí mismo. En los límites de mis propios principios. (...)" (*Ibid.*, p. 75.)

Uma última nota não pode ficar por fazer: diz respeito ao papel que, para o interesse de Antonio Sáez Delgado pela cultura portuguesa, teve a leitura, primeiramente do heterónimo Álvaro de Campos (que, chega a admitir, foi para si um *deslumbramento*) e, depois, do *mistério e da atracção* "que – como sustenta em crítica publicada em *El País* (1. VII. 2006) – Pessoa ejerce sobre todo aquel que se adentre en sus dominios". Assim como para o Patrono do Prémio Eduardo Lourenço Fernando Pessoa se tornou um dos interlocutores mais constantes, para o premiado Antonio Sáez Delgado, ele tem uma importância cada vez mais evidente no seu trajecto, em que pontificam, neste momento, duas iniciativas em colaboração com Jerónimo Pizarro: a exposição, recém-inaugurada na Biblioteca Nacional em Madrid, *Fernando Pessoa y España* e a tradução de *Livro do Desassossego* que será publicada em Outubro pela editora Pre-Textos (de Valencia), no âmbito do seu projecto de umas *Obras de Fernando Pessoa*.

Tendo a poesia, desde sempre, um lugar privilegiado em Antonio Sáez, não se estranha que tenha descoberto uma máxima de vida, nos versos de Ricardo Reis "Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/No mínimo que fazes" nem que o seu primeiro livro, "Miradores" (1997), seja, evidentemente, um livro de poesia. Dele queremos, para terminar, ler ao menos esta estrofe:

"Sé muy bien que los niños
nacieron en el sur
y que sólo las nubes
pronuncian sus nombres; que el dulce aroma del regreso
anuncia que nunca viajamos solos
y que la música de las esferas
no me reveló cuál debía ser el destino
sino, únicamente, cuál sería el viaje."